

COLUNA DO CASTELLO

MARCELO PONTES

É difícil haver segundo turno

A indagação mais frequente hoje é se a eleição presidencial estará decidida em 3 de outubro. O Vox Populi está registrando uma pequena tendência de aumento no índice de Fernando Henrique Cardoso e uma pequena tendência de queda no de Luiz Inácio Lula da Silva.

Essa alteração, segundo Marcos Coimbra, diretor-presidente do Vox Populi, já é bem visível nas pesquisas qualitativas — aquelas em que grupos de eleitores dão opiniões sobre o desempenho dos candidatos —, de maneira que ele não acha nada improvável que em uma semana Fernando Henrique se aproxime de 50%. E aí faltará apenas uma semana para a eleição.

Por este quadro apresentado por Coimbra, a fatura estará liquidada em 3 de outubro. Perguntei se ele seria capaz de apostar que a eleição se resolverá mesmo no primeiro turno. Com amigos, brincando, disse que já fez essa aposta. Mas no sério, para valer mesmo, diz que não gosta de brincar em serviço. E explica como enxerga o panorama da eleição.

O que estaria ocorrendo agora seria uma leve retomada da curva ascendente de Fernando Henrique nas pesquisas. Essa curva só apontava para cima nos meses de julho e agosto, os dois primeiros da vigência do real.

Com o episódio Ricupero, Fernando Henrique parou de subir, mas também não caiu. Estabilizou. Não quer dizer que tenha sido assim, uniforme, em todo o país. Caiu em algumas regiões ou em determinados segmentos, mas subiu em outros, compensando na média. O mesmo aconteceu com Lula. Se não manteve o ritmo de queda em que vinha despenhando, também não conseguiu capitalizar o caso Ricupero.

Esse cenário de candidaturas estabilizadas também é registrado pelo Ibope. Se no Vox Populi Fernando Henrique vem ganhando nas três últimas pesquisas por 38 a 23, 42 a 22 e 41 a 21, no Ibope o placar foi de 45 a 23, 43 a 23 e 43 a 22. Tudo muito parecido, desde o final de agosto.

De lá para cá aconteceram na campanha eleitoral terremotos capazes de bagunçar a vida de qualquer candidato. Menos de um candidato que tem como principal lastro uma moeda nova e uma inflação, por enquanto, ridícula.

Além do caso Ricupero, ocorreram as denún-

cias de uso da máquina do governo em favor de Fernando Henrique, os bilhetinhos indecorosos do ministro Alexis Stepanenko, a queda dele, a greve dos metalúrgicos do ABC, a língua solta do ministro Ciro Gomes e as acusações de que o vice de Fernando Henrique, Marco Maciel, usou a gráfica do Senado para fazer calendário de promoção pessoal e teria sido beneficiário da caixinha de corrupção de PC Farias, em sua campanha para o Senado, em 1990.

A mais recente pesquisa do DataFolha, publicada domingo passada pela *Folha de S. Paulo*, captou ao menos em parte a última dessas turbulências, o uso da gráfica do Senado por Marco Maciel, e ainda assim confirma a tendência de alta no índice de Fernando Henrique: 45% contra 21% de Lula.

Do forno permanentemente aceso das pesquisas, feitas agora diariamente mesmo que para consumo interno dos institutos ou das candidaturas, a constatação dos últimos dois dias é a de que a denúncia de suposto envolvimento de Marco Maciel com uma conta bancária fantasma de PC Farias não causou o menor impacto na campanha de Fernando Henrique Cardoso.

A conjugação de circunstâncias é tão favorável a Fernando Henrique, na avaliação de Marcos Coimbra, que "é cada vez menos improvável que ele deixe de sair definitivamente vitorioso no primeiro turno".

Os analistas do Ibope também se cercam de cautela. A diferença de cinco pontos percentuais entre o índice de Fernando Henrique e a soma de todos os outros candidatos, registrada pelo Ibope de uma semana atrás, é considerada por eles perigosa para quem quer ganhar logo no primeiro turno. O trabalho de boca-de-urna de uma militância ao menos historicamente aguerrida como a do PT — historicamente porque nesta eleição ela ainda não apareceu — pode anular uma vantagem tão pequena assim.

A melhor garantia que poderia ter Fernando Henrique de se tornar presidente da República no dia 3 de outubro é um sonho como o que o candidato a deputado federal Ronaldo Cezar Coelho (PSDB-RJ) não pára de sonhar: "Queria que de agora em diante chovesse 15 dias sem parar para que não acontecesse mais nada na campanha eleitoral."